

**Universidades Lusíada**

Pinto, Ricardo Leite, 1958-  
Correia, José de Matos, 1963-

**Eleições presidenciais em França : 23 de Abril  
e 7 de Maio 1995 : Bélgica : legislativas de 21 de  
Maio 1995 e Suíça : eleições parlamentares de 22  
de Outubro 1995**

<http://hdl.handle.net/11067/5067>  
<https://doi.org/10.34628/gm11-n232>

**Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	1995
<b>Palavras Chave</b>	Presidentes - França -Eleições, Eleições - Bélgica
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	yes
<b>Coleções</b>	[ILID-CEJEA] Polis, n. 04-05 (1995)

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-04T17:14:40Z com  
informação proveniente do Repositório

# FRANÇA

## (ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 23 DE ABRIL E 7 DE MAIO DE 1995)

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	40 026 937	100				
Abstenção		21,63			20,35	
Votantes	31 369 029			31 850 264		
Branco e Nulos		2,83				
Expressos	30 480 211		100	29 958 212		
Lionel Jospin	7 101 992		23,30	14 187 963		47,36
Jacques Chirac	6 351 672		20,84	15 770 249		52,64
Eduard Balladur	5 662 116		18,58			
Jean Marie Le Pen	4 573 202		15,00			
Robert Hue	2 634 187		8,64			
Arlette Laguiller	1 616 546		5,30			
Philippe de Villiers	1 444 053		4,74			
Dominique Voinet	1 011 373		3,32			
Jacques Cheminade	85 070		0,28			

*Fontes:* «Le Monde» de 25-5-95 e «Figaro» de 9-5-95.

As eleições presidenciais francesas de Abril/Maio do corrente ano determinaram a eleição do 5.º Presidente da V República, JACQUES CHIRAC. Eleito com 52,64 % dos votos, o *ex-maire* da cidade de Paris, beneficiou de uma transferência de votos maciça de toda a Direita, da primeira

para a segunda volta, sem que nessa transferência a Extrema Direita da Frente Nacional de JEAN MARIE LE PEN, tivesse tido um papel determinante. Por seu lado, o candidato derrotado, o socialista LIONEL JOSPIN, com 47,34 % de votos, consegue a proeza de fazer sair a Esquerda da «quarentena eleitoral», na expressão de SERGE JULY («Libération» 8-5-95), em que se mantinha desde 1993. Estes são apenas dois dos tópicos, que uma análise mais geral das eleições presidenciais permite destacar. Mas vejamos as questões mais relevantes que de forma sistemática e a título de inventário, merecem desenvolvimento:

- a) O falhanço das sondagens na 1.<sup>a</sup> volta;
- b) A «vitoriosa derrota» de BALLADUR;
- c) A renovação da esquerda socialista;
- d) O surpreendente *score* eleitoral de LE PEN;
- e) A grande maratona de CHIRAC para chegar ao Eliseu.

Na noite do dia 23 de Abril, os franceses, atónitos, constataram a diferença assinalável entre as sondagens da semana anterior e os resultados eleitorais da 1.<sup>a</sup> volta. Recorde-se que, sem uma única excepção, entre a quase dezena de institutos de sondagem, o candidato gaulista CHIRAC estava garantido na 2.<sup>a</sup> volta, devendo o outro lugar na *ballotage* ser disputado na 1.<sup>a</sup> volta entre JOSPIN e BALLADUR.

A polémica em torno do falhanço das sondagens foi tal que a palavra de ordem na 2.<sup>a</sup> volta foi: «Sobretudo, não acreditem nas sondagens!»

A que se deveu este verdadeiro colapso dos institutos de sondagem nas presidenciais francesas?

A resposta mais escutada, à laia de explicação foi a de que a sondagem fornece uma fotografia da opinião dos eleitores num dado momento. Num momento diferente, designadamente, uma semana depois, essa fotografia pode estar alterada. Ou então que a margem de erro nas sondagens deu azo às flutuações verificadas. Ou ainda que as sondagens não são instrumentos de previsão. No limite, considerou-se mesmo, no intenso debate que os *media* franceses, travaram nas semanas seguintes, a propósito das sondagens pré-eleitorais, que as sondagens são inúteis dado que «a opinião pública é volátil».

Uma das tentativas de explicação mais interessantes, deve-se a LEO SCHEER, autor do livro «*La Démocratie Virtuelle*». Este autor relembra um dado elementar da sociologia: o objecto da observação sociológica é modificado pela própria observação. E daqui parte criticando os institutos de



sondagens por não terem sabido analisar a sua própria posição no sistema político francês. Ou seja as sondagens e as empresas que as promovem, associadas aos *media*, não são observadores neutros da realidade. Pelo contrário, são actores determinantes. Aquilo a que se apelidava, em tempos, de «maioria silenciosa», à qual a classe política dos «partidos centrais» se dirigiu e dirige e nem sempre com sucesso, surge hoje transmutada em «maioria insondável». Se a maioria silenciosa não era representável ideologicamente, de igual sorte a «maioria insondável» recusa-se a participar nesta nova máquina de poder que são as sondagens e os *media*. Nesse sentido, e para explicar o falhanço das sondagens em França — e idêntica explicação se poderia dar para as últimas legislativas britânicas — SCHEER fala da distância entre democracia real e democracia virtual. As sondagens cada vez mais se limitam a ter como objecto a democracia virtual: o povo tomou o poder sobre as sondagens e os *media* e neutralizou ambos.

Pese embora tenha sido afastado da 2.<sup>a</sup> volta, EDOUARD BALLADUR, pode considerar-se um dos políticos cujo espaço político cresceu com as presidenciais. Durante largos meses o Primeiro-Ministro da coabitação com MITTERRAND, andou em primeiro lugar nas sondagens. Com a apresentação da candidatura do gaulista CHIRAC, a sua posição deslizou subitamente até desaparecer praticamente nas análises políticas, como verdadeira alternativa. Afinal bateu-se ombro a ombro na ponta final da 1.<sup>a</sup> volta, com CHIRAC, e foi por uma unha negra que este conseguiu a passagem à segunda volta.

Herdeiro de uma tradição orleanista na Direita francesa, BALLADUR viu-se abandonado por muitos dos seus mais destacados apoiantes, que à última da hora se passaram para a candidatura de CHIRAC, mas pode reivindicar para si ter fidelizado o seu eleitorado que, em bloco, votou no candidato de Direita na 2.<sup>a</sup> volta.

Um dos aspectos mais significativos das presidenciais francesas, foi, sem sombra de dúvida, a campanha e o *score* eleitoral, sobretudo na 1.<sup>a</sup> volta, do candidato socialista JOSPIN.

Com cerca de 48 % de votos o antigo Ministro da Educação, conseguiu a dupla proeza de ganhar a primeira volta das eleições, quando as sondagens apontavam para a sua mais que provável exclusão da segunda volta, e de fazer renascer das cinzas a esquerda socialista francesa.

Muito desse êxito, deve-se única e exclusivamente ao candidato. Com uma campanha serena, pedagógica, que fez sobressair a sua coerência cívica e política, JOSPIN, renovou a linguagem da esquerda socialista, dando-lhe um novo fôlego social-democrata. Como escreveu SERGE JULY, no jornal de que é Director, «Libération», os franceses, de um só acto, ele-

geram um Presidente e construíram uma oposição. De certa forma a derrota de JOSPIN, permitirá a renovação do PS francês, que desde 1992, tem caminhado de derrota em derrota.

Num comovente editorial do «Nouvel Observateur» (3-5-95), JEAN DANIEL, nas vésperas da 2.<sup>a</sup> volta, questionava-se se JOSPIN não poderia ganhar as presidenciais. Mas adiantava que, qualquer que fosse o resultado, o candidato socialista já havia ganho, e escrevia: «estou mais preocupado em organizar a social-democracia francesa em torno de JOSPIN, do que ter um novo presidente socialista». E, páginas à frente, na mesma revista, que continua a ser uma referência jornalística da esquerda reformista francesa, JACQUES JULLIARD, era ainda mais claro: «a campanha de JOSPIN marcou claramente a entrada do socialismo francês na era da social-democracia».

Discreta, mas eficazmente JOSPIN, fez esquecer ao longo da campanha, quer MITTERRAND quer ROCARD quer mesmo o eterno candidato adiado JACQUES DELORS. Bastou-lhe ter ao seu lado o empenhamento e a eficácia de MARTINE AUBRY, figura de proa da nova geração socialista, e a fidelidade do homem do aparelho, HENRI EMMANUELLI.

Outro dos aspectos marcantes das presidenciais de 1995, foi o resultado de LE PEN. Com perto de 15 % na primeira volta, a Frente Nacional e o seu chefe, tornaram-se numa das mais importantes forças políticas francesas. E, comparativamente, uma das com maior peso, entre os grupos de extrema-direita na Europa. A relevância da votação de LE PEN, transformou-o num ausente-presente na 2.<sup>a</sup> volta. Com efeito, como titulava o «*L'Evenement de Jeudi*» de 3-5, LE PEN colocou a República na situação de refém. Um e outro dos candidatos, recusaram-se a negociar com LE PEN, e negaram-se mesmo a fazerem apelos ao voto do eleitorado que nele votou. LE PEN, por seu lado, recusou-se publicamente a manifestar apoio a algum dos candidatos, optando pelo voto branco ou nulo, mas em privado não escondia a animosidade face a CHIRAC. Mas o problema da transferência de votos, colocou-se fundamentalmente em relação ao candidato gaulista. Aritmeticamente as três direitas da primeira volta — centristas da UDF, gaulistas do RPR e extrema-direita da FN —, davam-lhe cerca de 60 % dos votos.

Todavia recusando-se a fornecer qualquer sinal político à extrema-direita, na boa tradição republicana, CHIRAC tornou o resultado final ainda mais imprevisível.

Em todo o caso, o *score* de LE PEN, sobretudo por ter sido obtido em zonas de composição eleitoral heterogénea, onde prevalece o operariado e a baixa-burguesia, surpreendeu os analistas.



Tudo ponderado o «efeito LE PEN», na segunda volta, não se fez praticamente sentir na vitória de CHIRAC. Uma análise efectuada pelo diário parisiense «*La Croix*», permitiu constatar que CHIRAC ficou longe de recuperar todo o eleitorado de LE PEN, o que significou que muitos eleitores «lepenistas» votaram à esquerda, na segunda volta.

Em todo o caso, o resultado da 2.<sup>a</sup> volta reconduz-se a uma clássica repartição entre Esquerda/Direita. Ou seja JOSPIN, recebe o apoio quase total dos votos de ROBERT HUE (comunista), LAGUILLER (trotskista) e VOYNET (ecologista), enquanto que CHIRAC pescou com facilidade nas águas centristas de BALLADUR e do «antimaastrichtiano» VILLIERS.

Não deixa contudo de impressionar a notável carreira política de JACQUES CHIRAC para chegar a Chefe de Estado francês. Após 33 anos de vida política com muitas decepções, nas quais se incluem duas tentativas presidenciais frustradas (1981 e 1988), o antigo protegido de POMPIDOU, teve de passar por várias travessias do deserto e uma tormentosa coabitação com MITTERRAND, entre 1986-88, até ocupar o Eliseu.

A generalidade dos observadores acorda em considerar que a vitória de CHIRAC sendo indiscutível, foi manifestamente «curta», por comparação com a relação de forças Esquerda/Direita existente em França. Mérito, sem dúvida, para JOSPIN, mas também, demérito para CHIRAC.

Em qualquer caso, o quadro político francês após estas eleições deixou a Presidência, o Governo e a Assembleia Nacional, com a mesma maioria de Direita, pondo fim às experiências da coabitação política que Mitterrand havia ensaiado em 1986 e 1993, no quadro do semi-presidencialismo da Constituição de 1958.

Para além disso, e comparando os actuais resultados com as restantes presidenciais da V República — ver mapas anexos —, são de salientar alguns aspectos curiosos:

— a percentagem de abstenções na segunda volta (20,1 %), é a segunda maior, com excepção das eleições de 1969;

— O *score* de CHIRAC, ficou abaixo dos obtidos por POMPIDOU (58,21 % em 1969), DE GAULLE (55,2 % em 1965) e MITTERRAND (54,01 % em 1988);

— mas o ponto mais interessante, refere-se à circunstância de CHIRAC, com pouco mais de 20 % de votos na 1.<sup>a</sup> volta, ter obtido nessa eleição, o resultado mais baixo quando comparado com qualquer outro futuro presidente da V República, e simultaneamente, a maior subida, em idênticas condições, da 1.<sup>a</sup> para a 2.<sup>a</sup> volta.

*Ricardo Leite Pinto*

## ANEXO

### ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NA V REPÚBLICA

#### Eleições Presidenciais de 5 e 19 de Dezembro de 1965

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	28 913 422	100		28 902 704	100	
Abstenções	4 410 465	15,25		4 531 057	15,68	
Votantes	24 502 957	84,75		24 371 647	84,32	
Branços e Nulos	248 403	0,86		668 213	2,31	
Expressos	24 254 554		100	23 703 434		100
De Gaulle	10 828 523	37,45	44,65	13 083 699	45,27	55,20
Mitterrand	7 694 003	26,61	31,72	10 619 735	36,74	44,80
Lecanuet	3 777 119	13,06	15,57			
Tixier-						
-Vignancour	1 260 208	4,36	5,20			
Marilhac	415 018	1,44	1,71			
Barbu	279 683	0,97	1,15			

Fonte: «Pouvoirs», 1989, n.º 49.

#### Eleições Presidenciais de 1 e 15 de Junho de 1969

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	29 513 361	100		29 500 334	100	
Abstenções	6 614 327	22,41		9 189 047	31,15	
Votantes	22 899 034	77,59		20 311 287	68,85	
Branços e Nulos	295 036	1,00		1 303 798	4,42	
Expressos	22 603 998		100	19 007 489		100
Pompidou	10 051 816	34,06	44,47	11 064 371	37,51	58,21
Pohér	5 268 651	17,85	23,31	7 943 118	26,93	41,79
Duclos	4 808 285	16,29	21,27			
Defferre	1 133 222	3,84	5,01			
Rocard	816 471	2,77	3,61			
Ducatel	286 447	0,97	1,27			
Krivine	239 106	0,81	1,06			

Fonte: «Pouvoirs», 1989, n.º 49.



**Eleições Presidenciais de 5 e 19 de Maio de 1974**

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	30 602 953	100		30 600 775	100	
Abstenções	4 827 210	15,77		3 876 180	12,67	
Votantes	25 775 743	84,23		26 724 595	87,33	
Branços e Nulos	237 107	0,77		356 788	1,17	
Expressos	25 538 636		100	26 367 807		100
Mitterrand	11 044 373	36,09	43,25	12 971 604	42,39	49,19
Giscard d'Estaing	8 326 774	27,21	32,60	13 396 203	43,78	50,81
Chaban-Delmas	3 857 728	12,61	15,11			
Royer	810 540	2,65	3,17			
Laguiller	595 247	1,95	2,33			
Dumont	337 800	1,10	1,32			
Le Pen	190 921	0,62	0,75			
Muller	176 279	0,58	0,69			
Krivine	93 990	0,31	0,37			
Renouvin	43 722	0,14	0,17			
Sebag	42 007	0,14	0,16			
Héraud	19 255	0,06	0,08			

Fonte: «Pouvoirs», 1989, n.º 49.

**Eleições Presidenciais de 26 de Abril e 10 de Maio de 1981**

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	36 398 859	100		36 398 762	100	
Abstenções	6 882 777	18,91		5 149 210	14,15	
Votantes	29 516 082	81,09		31 249 552	85,85	
Branços e Nulos	477 965	1,31		898 984	2,47	
Expressos	29 038 117		100	30 350 568		100
Giscard d'Estaing	8 222 432	22,59	28,32	14 642 306	40,23	48,24
Mitterrand	7 505 960	20,62	25,85	15 708 262	43,16	51,76
Chirac	5 225 848	14,36	18,00			
Marchais	4 456 922	12,24	15,35			
Lalonde	1 126 254	3,09	3,88			
Laguiller	668 057	1,84	2,30			
Crépeau	642 847	1,77	2,21			
Debré	481 821	1,32	1,66			
Garaud	386 623	1,06	1,33			
Bouchardeau	321 353	0,88	1,11			

Fonte: «Pouvoirs», 1989, n.º 49.



**Eleições Presidenciais de 24 de Abril e 8 de Maio de 1988**

	Primeira volta			Segunda volta		
	Votos	% Inscritos	% Expressos	Votos	% Inscritos	% Expressos
Inscritos	38 128 507	100		38 168 869	100	
Abstenções	7 100 535	18,62		6 083 798	15,93	
Votantes	31 027 972	81,37		32 085 071	84,06	
Branco e Nulos	621 934	1,63		1 161 822	3,04	
Expressos	30 406 038		100	30 923 249		100
Mitterrand	10 367 220	27,19	34,09	16 704 279	43,76	54,02
Chirac	6 063 514	15,90	19,94	14 218 970	37,25	45,98
Barre	5 031 849	13,19	16,54			
Le Pen	4 375 894	11,47	14,39			
Lajoie	2 055 995	5,39	6,76			
Waechter	1 149 642	3,01	3,78			
Juquin	639 084	1,67	2,01			
Laguiller	606 017	1,58	1,99			
Boussel	116 823	0,30	0,38			

Fonte: «Pouvoirs», 1989, n.º 49.

**BÉLGICA**

**ELEIÇÕES LEGISLATIVAS  
DE 21 MAIO DE 1995**

PARTIDOS	%	Mandatos
Partido Social-Cristão Flamengo (CVP)	17,2	29
Partido Liberal Flamengo (VLD)	13,0	21
Partido Socialista Flamengo (SP)	12,6	20
Partido Socialista Francófono (PS)	12,1	21
Partido Liberal Francófono (PRL)	9,0	18
Extrema-Direita Flamengo (Vlams-Block)	7,7	11
Partido Social-Cristão Francófono (PSC)	7,6	11
Extrema-Direita Valónia (FN)	5,2	1
Nacioalistas Flamengos (VU)	4,8	6
Ecologistas Flamengos (Agalev)	4,5	5
Ecologistas Francófonos (Ecolo)	4,1	7
Outros	2,2	—

Grande expectativa rodeava as eleições legislativas belgas de 21 de Maio. Por um lado, foram as primeiras a realizar-se após a transformação do país em Estado federal, ocorrida em 8 de Maio de 1993. Por outro lado, era generalizada a convicção de que o chamado escândalo «Agusta», que implicou alguns dirigentes importantes do partido Socialista Flamengo (SP), teria negativas repercussões no resultado deste partido, em particular, mas também no de toda a coligação.

Por isso, os resultados finais não terão deixado de constituir alguma surpresa, porquanto se traduziram numa evidente vitória da coligação chefiada por JEAN-LUC DEHAENE. Na verdade, os quatro partidos que a integram (CVP+PSC+SP+PS) conseguiram obter 81 dos 150 deputados da Câmara Federal de Representantes (54 % dos mandatos), isto é, um resultado aproximadamente ao mesmo nível do obtido em 1991, quando conquistaram 120 lugares de um total de 212 (56 % dos mandatos).

Destaque merece o facto de o partido mais directamente ligado ao citado caso «Agusta» (o SP de WILLY CLAES), ter conseguido inclusive progredir em termos percentuais, passando dos 12 % de 1991 para os 12,6 % agora obtidos.

No pólo oposto, os principais derrotados deste acto eleitoral foram indiscutivelmente os partidos liberais, que se mostraram incapazes de aproveitar as debilidades internas da coligação e a difícil situação de austeridade económica e apenas conseguiram progressos de pouca monta (veja-se, por exemplo, que o VLD cresceu apenas 1 % face a 1991).

Os resultados de 21 de Maio contrariam, por outro lado, a tendência verificada nas eleições parlamentares anteriores. Enquanto há 4 anos se assistiu a um crescimento espectacular da extrema-direita (Vlams-Block e FN), bem como a uma transferência de votos para pequenos partidos alternativos, no recente acto eleitoral constatou-se não apenas uma perda da influência destes últimos (nacionalistas e ecologistas), mas também uma relativa estagnação da extrema-direita, a qual, tendo obtido alguns progressos, não registou o crescimento significativo que se temia.

A aposta do eleitorado belga parece ter sido claramente no sentido da estabilidade.

Estas eleições não trouxeram porém nenhuma alteração de fundo ao sistema político belga. A sua característica essencial, isto é, a permanente existência de coligações ao centro, organizadas em torno dos sociais-cristãos, umas vezes aliados aos socialistas, outras vezes apiados pelos liberais, mantém-se.

*José de Matos Correia*



## SUIÇA

### ELEIÇÕES PARLAMENTARES DE 22 DE OUTUBRO DE 1995

#### Conselho Nacional

PARTIDOS	Mandatos
Partido Socialista	54
Partido Radical Democrático (PRD)	45
Partido Democrata-Cristão PDC)	34
União Democrática do Centro (UDC)	29
Partido Ecologista (PES)	8
Partido Suíço da Liberdade (PSL)	7
Partido Liberal (PLS)	7
Partido Suíço da Liberdade (PSL)	3
Partido do Trabalho (PdT)	3
Democratas Suíços (DS)	3
Partido Evangélico (PEP)	2
Partido Cristão-Social (PCS)	1
União Democrática Federal (UDF)	1
Frauen Macht Politik (FGA)	1
Aliança Verde (AV)	1
Ligue des Tessinois (Lega)	1

A primeira observação que estas eleições suíças suscitam prende-se com a taxa de participação no escrutínio, cifrada nos 42,2 % e que é, em consequência, a mais baixa jamais registada desde 1919, ano em que foi introduzido no país o sistema de representação proporcional. E isto não obstante ter sido aberta, pela primeira vez, a possibilidade do voto por correspondência.

De tal facto não pode contudo inferir-se um menor interesse dos suíços pelos assuntos públicos, mas tão só uma relativa desvalorização dos mecanismos de democracia representativa, num Estado em que se verifica generalizado consenso quanto às grandes questões, entre as principais formações políticas.

Por outro lado, a longa prática de recurso a institutos de democracia directa, como o referendo e a iniciativa popular, criou nos eleitores a cer-

teza de que nenhuma decisão sobre assuntos de relevo será adoptada sem a sua auscultação, o que explica, nestas situações, uma taxa de participação mais elevada do que nos actos eleitorais.

No que toca especificamente aos resultados eleitorais, e fazendo a comparação com os dados de 1991, constata-se desde logo uma relativa estabilização dos dois grandes partidos do centro (PRD e PDC), cuja representação parlamentar pouco varia e, por outro lado, uma melhoria na posição dos principais partidos de esquerda e de direita.

O grande triunfador do acto eleitoral é claramente o PS, cuja representação parlamentar registou um aumento de 12 lugares, passando dos 42 de 1991 para os 54 agora conquistados. Também a UDC cresceu, tendo obtido mais 4 mandatos do que nas anteriores eleições. Não deixa porém de ser sintomático que o eleitorado suíço tenha optado por reforçar, em simultâneo, a posição do mais forte defensor da integração europeia (o PS) e a do principal adepto do isolacionismo suíço (a UDC).

No que respeita ao poder executivo (Conselho Federal), não se regista qualquer alteração na composição prevalecente desde 1959 e que passa pela garantia de representação dos quatro primeiros partidos, cabendo dois lugares ao PS, PRD e PDC e um lugar à UDC. Em termos globais, assistiu-se mesmo a um reforço dos parceiros de coligação que, em conjunto, obtiveram 162 lugares no Conselho Nacional, crescendo assim 15 mandatos relativamente a 1991.

Os grandes derrotados deste acto eleitoral são assim os pequenos partidos, na medida em que quase todos sofrem perdas na sua representação parlamentar, merecendo destaque o caso dos ecologistas que se vêem privados de cerca de metade do seu grupo parlamentar, ao baixar de 14 para 8 deputados.

*José de Matos Correia*